

A Semana

Eike multado em 536 milhões de reais

A Comissão de Valores Mobiliários condenou o ex-empresário Eike Batista a pagar multa de 536 milhões de reais por manipulação de informação privilegiada. Batista, alega a CVM, vendeu ações da OGX, sua antiga empresa de exploração de petróleo, enquanto omitia do distinto público que as reservas em posse da companhia eram menores do que aquelas anunciadas. A CVM também o proibiu de dirigir uma empresa de capital aberto ou ocupar um cargo em qualquer conselho fiscal durante sete anos. A defesa de Batista contesta a decisão e disse que não houve má-fé.

Atentado/ Adélio Bispo, inimputável

O agressor de Jair Bolsonaro sofre de transtornos delirantes permanentes, decide juiz

As circunstâncias da facada em Juiz de Fora, decisiva para a vitória de Jair Bolsonaro em outubro do ano passado, continuam envoltas em mistério. Só um fato permanece cristalino e incontestável: Adélio Bispo de Oliveira, autor do atentado, sofre de graves distúrbios mentais.

Na segunda-feira 27, Oliveira foi considerado inimputável pelo juiz Bruno Savino, da 3ª Vara da Justiça Federal. Perícias médicas apontaram um transtorno delirante persistente no réu, que cumprirá pena, quando e se vier a ser condenado, em um manicômio judiciário.

Zanone Manuel de Oliveira Júnior, advogado de defesa, celebrou a decisão: “Uma maravilha, não por conta da inocência, mas porque é a verdade. Você já viu alguém



O esfaqueador ficará no manicômio

praticar aquele absurdo a mando de Deus? Fui criticado pelo Brasil todo, agora vem um juiz federal e diz que eu tinha razão”.

Bolsonaro também não tem do que reclamar. Apesar de a decisão do magistrado derubar a tese conspiratória de um atentado orquestrado pelos comunistas, lulistas, petistas, marxistas, paulofreiristas e afins, o presidente continua a ser o único beneficiário do incidente. A facada de Oliveira livrou-o dos vexames nos debates eleitorais e o transformou de notório agressor em vítima. Para o ex-capitão, foi uma troca mais do que justa: um pequeno corte no abdome por uma faixa presidencial.

Rio de Janeiro/ TRIBUNAL DE AMIGOS

MINISTRA DO STM ACUSA MILITARES DE “VISÍVEL MANIPULAÇÃO DE PROVAS” NO ASSASSINATO DO MÚSICO EVALDO ROSA E DO CATADOR LUCIANO MACEDO

A ministra Maria Elizabeth Teixeira da Rocha, do Superior Tribunal Militar, tornou-se uma pedra no sapato de quem pretende abafar a responsabilidade dos soldados que dispararam mais de 200 tiros contra o carro onde estavam o músico Evaldo dos Santos Rosa e a família. Rosa e o catador Luciano Macedo, que tentou socorrer a vítima, não sobreviveram ao tiroteio.

Única a votar por manter na prisão de 9 dos 12 militares acusados de homicídio, Maria Rocha reclama de “uma tentativa visível de manipulação de provas”. No auto de prisão em flagrante, aponta a ministra, a defesa dos soldados apresentou fotos de veículos alvejados como se fossem os blindados que ocupavam no momento da morte do músico.

“Durante o auto de prisão

em flagrante, ao se utilizarem da mentira, que inclusive comprometeu o Comando Militar do Leste, comprometeu a própria credibilidade do Exército, eles influíram para que viessem aos autos três fotos de viaturas atingidas. Só que militares não trafegam nesses blindados”, afirmou a ministra. Segundo ela, a manipulação seria motivo suficiente para manter as prisões.



A chance de se fazer justiça neste caso está perto de zero

PMMG - EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; JOHN THYS/VARIABLES SOURCES; CESIAFF; TIZIANA FABIO/FAP E FABIO TEIXEIRA/ZUMA WIRE/FOTORENA



5.6.19



Lava Jato/ Lula, o sítio e o papa

A Justiça libera a venda do imóvel em Atibaia e Francisco escreve ao ex-presidente: “O Bem vencerá o Mal, a verdade vencerá a mentira”

Quem ainda se espanta? Exatamente como no caso do apartamento no Guarujá, a Justiça reconheceu: o sítio de Atibaia, que rendeu uma condenação de 12 anos e 11 meses a Lula, não pertence ao ex-presidente. Lastreada em um parecer favorável do Ministério Público Federal, a decisão autoriza o real proprietário, o empresário Fernando Bittar, a se desfazer do imóvel.

A liberação para a venda do sítio é o aspecto menos vergonhoso de uma pantomima que alguns teimam em chamar de Justiça. Em qualquer país no qual vigora o Estado de Direito, a sentença da magistrada Gabriela Hardt teria sido anulada, dada a quantidade de erros que a própria juíza não faz questão de esconder. Hardt copiou a decisão do camarada Sérgio Moro no inquérito do triplex do Guarujá sem se dar ao trabalho de solicitar uma revisão do texto. Em seu despacho, ela inúmeras vezes confunde “sítio” com “apartamento”, admite a falta de provas e escora-se exclusivamente na delação premiada de um “có-réu” (*sic*) que, em certa altura, acredita ser mais de um indivíduo. Ao citar os

“depoimentos prestados por colaboradores e ‘co-réus’ Léo Pinheiro e José Adelmário”, a mesma pessoa, a juíza produziu uma pérola definitiva do bestialógico forense.

Nesta pátria, mãe gentil, a coisa se dá, no entanto, de outra forma. Não será surpresa se o Tribunal Regional Federal da 4ª Região confirmar ou aumentar a pena imposta por Hardt. Dois movimentos emblemáticos afastam qualquer esperança da defesa de Lula. O desembargador Carlos Eduardo Thompson Flores passará a integrar a turma que revisa as decisões da Lava Jato. Thompson Flores é aquele que considerou irrepreensível a sentença de Moro no caso do Guarujá sem ter lido a decisão. E que atuou para impedir a soltura do petista no ano passado. Não bastasse, o novo presidente do TRF4, Victor Laus, reuniu-se com Jair Bolsonaro na terça-feira 28.

Na expectativa de migrar para o regime semiaberto em setembro, resta a Lula o alento do apoio de líderes internacionais. O ex-presidente recebeu uma simpática e instigante carta do papa Francisco. O pontífice lamenta as perdas familiares do petista, conforta-o e cita: “No final, o Bem vencerá o Mal, a verdade vencerá a mentira e a Salvação vencerá a condenação”.



O papa conforta o ex-presidente



Orbán, Bolsonaro em húngaro

Se tivesse nascido na Hungria, talvez Jair Bolsonaro se chamasse Viktor Orbán. O primeiro-ministro húngaro em muito lembra o colega brasileiro em sua cruzada contra o conhecimento e as luzes. Depois de mandar alterar os conteúdos dos livros didáticos para reafirmar a superioridade dos homens sobre as mulheres, Orbán está decidido a retirar a autonomia da Academia de Ciências do país, que sustenta uma rede de 5 mil pesquisadores. O argumento utilizado pelo governo húngaro para a intervenção também se assemelha à justificativa brandida pelo ministro da Educação do Brasil, Abraham Weintraub, para a redução de investimentos em Filosofia e Sociologia: almeja-se gastar em atividades mais úteis à economia local.



A Semana

Fiat, Renault e, talvez, Nissan

A prisão do franco-brasileiro Carlos Ghosn no Japão abriu caminho para um rearranjo das forças no setor automobilístico mundial. Ghosn era o fiador da parceria entre a francesa Renault e a japonesa Nissan. O escândalo em torno do executivo abalou, no entanto, a relação e permitiu a entrada em cena de outro competidor, a Fiat Chrysler, disposta a se fundir com a Renault. A união criaria a terceira maior montadora do mundo, atrás apenas da alemã Volkswagen e da japonesa Toyota. Caso a Nissan aceite integrar o grupo, a nova empresa se tornaria a líder mundial no segmento.



Familiares de presos à espera de notícias

Prisões/ Sangue em Manaus

Racha em facção criminosa deixa 55 mortos em cadeias do Amazonas

Uma rebelião em quatro presídios de Manaus, mais uma, iniciada no domingo 26 e encerrada no dia seguinte, deixou um saldo de 55 mortos. Dois anos atrás, uma revolta semelhante nas mesmas cadeias fez 67 vítimas. A Secretaria de Segurança Pública do estado atribuiu o motim a conflitos internos na facção criminosa chamada Família do Norte. Uma parte do grupo, afirmou o secretário Louismar Bonates, teria aproveitado o horário de visita de familiares no fim de semana para surpreender os adversários. “Pensei que fosse morrer também”, desabafou Aline Costa Silva, mulher de um dos detentos assassinados.

A FDN divide-se atualmente em dois comandos. De um lado, José Roberto Barbosa, o Zé Roberto da Compensa. De outro, João

Pinto Carioca, o João Branco. Os dois estão detidos em presídios federais.

As vítimas foram asfixiadas em suas celas ou golpeadas com “estoques”, facas artesanais fabricadas, neste caso, com escovas de dente. A rebelião dispersou os familiares que visitavam os parentes. Alguns correram para os pátios centrais, outros ficaram nos corredores para evitar um confronto com a polícia, o que poderia aumentar a gravidade do motim.

Como acontece na maioria dos estados, as prisões de Manaus estão superlotadas. Só no Complexo Anísio Jobim, principal penitenciária da capital amazonense, há quase 700 detentos a mais do que a capacidade, de acordo com levantamento do Mecanismo Nacional de Prevenção e Combate à Tortura, ligado ao Ministério da Justiça.

SANDRO PEREIRA/AFIP